

• Assembléia da ONU

FIESP destaca coerência e oportunidade do discurso de Sarney

por Lázaro Evair de Souza
de São Paulo

Os empresários paulistas interpretaram o discurso do presidente José Sarney na ONU como sendo "importante e coerente". Tanto a diretoria da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) quanto a da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee) manifestaram apoio e destacaram a oportunidade e a coerência do pronunciamento presidencial. O presidente da FIESP, Luis Eulalio de Bueno Vidigal Filho, fez somente uma ressalva ao discurso: "O presidente foi modesto quando tratou da questão do protecionismo".

Para Vidigal, Sarney deveria recordar que nenhum dos países desenvolvidos e industrializados de hoje conseguiu crescer "à base de grandes barreiras protecionistas". Ele lembrou o caso dos Estados Unidos, Japão, Inglaterra e Alemanha. Afirmou também que "não há condições para que países como Brasil, México e Argentina consigam um grau razoável de desenvolvimento se os países industrializados continuarem impondo grandes barreiras tarifárias e protecionistas, como vem ocorrendo".

Já em relação à parte onde o presidente fala sobre uma "renegociação política e a nível de continente latino-americano" para a dívida, o presidente da Abinee, Firmino Rocha de Freitas, entende que tal questão precisa ser analisada dentro de um contexto global, envolvendo aspectos políticos, econômicos e até diplomáticos. Segundo ele, "da mesma forma que não podemos continuar pagando as elevadas taxas de juros e sofrendo barreiras protecionistas dos países desenvolvidos, também não tem sentido declararmos moratória unilateral, uma vez que continuamos convivendo com o mundo".

"DIALOGO EM AÇÃO"
Relembrando o discurso



Firmino Rocha de Freitas

pronunciado na ONU no ano passado pelo ex-presidente Figueiredo, o empresário Paulo Francini, vice-presidente da FIESP, diz que o discurso de ontem, pronunciado por Sarney, demonstra que "está havendo coerência e ligação entre o discurso e a ação". Para ele, a recente visita que o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, fez aos credores externos demonstra a qualidade da modificação.

"O Brasil", diz Francini, "precisa anunciar com clareza que não irá aceitar nenhuma forma de ajustamento da nossa dívida externa, que não tenha embutido um crescimento mínimo indispensável e uma dose razoável de soberania interna".

Para o vice da FIESP, a grande questão ainda continua sendo o conflito transferência de divisas, via constantes superávits na balança comercial, de um lado e os desajustes nas balanças e "conseqüentes queixas" dos países com os quais mantemos relações comerciais. Ele acredita que tal conflito será amenizado com a recente decisão de desvalorizar o dólar diante das moedas européias.

Também o presidente da FIESP acha que essa medida aumentará a competitividade brasileira com a Europa.

O aplauso de líderes políticos e empresários

As principais lideranças políticas e empresariais do País manifestaram seu apoio às posições defendidas pelo presidente José Sarney em seu discurso na sede das Nações Unidas, ontem, em Nova York:

• Dilson Funaro (ministro da Fazenda) — "O discurso do presidente José Sarney na ONU abrangeu todos os pontos importantes para o Brasil, e os países participantes entenderam a profundidade do pronunciamento".

• Marco Maciel (ministro da Educação) — "O pronunciamento do presidente José Sarney é coerente com aquilo que ele tem dito no País, ou seja, com a idéia de que nós devemos buscar resgatar nossos compromissos internacionais. O que não pode ser feito em detrimento das condições de vida do nosso povo".

• Aloísio Alves (ministro da Administração) — "Um pronunciamento sério, franco, colocando nosso País diante do mundo e mostrando que ele realmente pode pagar a dívida externa sem promover a recessão e sem infringir o compromisso internacional às custas da fome do povo".

• Luis Octávio Vieira (presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul) — "O presidente José Sarney tem o total apoio da sociedade brasileira para se contrapor aos credores externos, pois a exploração vigente é insustentável".

• Paulo Velinho (Springer Admiral) — "A solução para a dívida externa brasileira tem de ser realmente política, como defendeu o presidente Sarney na ONU".

• Laerte Setúbal (Dura-tex) — O empresário desta-

cou que o discurso de Sarney "é uma forma de consolidar a Nova República a nível internacional" e que a soberania defendida pelo presidente da República tem de ser suficientemente ampla para que os pequenos conflitos também sejam superados.

• Ronaldo César Coelho (presidente da Associação Nacional de Bancos de Investimento) — Destacando a necessidade de uma negociação política da dívida externa, o banqueiro afirmou: "Só dessa forma os países em desenvolvimento terão condições de saldar os seus compromissos financeiros sem promover uma recessão econômica".

• Fernando Lyra (ministro da Justiça) — "E o presidente preocupado com o povo brasileiro e com coisas que antes aparentemente não se dava a importância devida, tais como a fome e a própria dívida".

• Iris Rezende (governador do Estado de Goiás) — "Traduz o anseio e a vontade de todo o povo brasileiro, enquanto fixa a posição de soberania do Brasil no contexto das nações latino-americanas".

• Roberto Magalhães (governador do Estado de Pernambuco) — Para ele o discurso de Sarney interpretado, com fidelidade, a vontade majoritária da nação brasileira e reflete "uma profissão de fé democrática".

• Fernando Henrique Cardoso (líder do governo no Senado) — "Foi um discurso digno e altivo, além de abordar tudo aquilo que deveria ser dito: o fato de que o Brasil é um país independente, vai continuar na trilha do crescimento econômico e não está disposto a fazer concessões que deformem a natureza desse crescimento".